

**NOVAS POSSIBILIDADES PARA HISTORIOGRAFIA A PARTIR DA
MULTICOLABORAÇÃO PROPORCIONADA PELO FACEBOOK E O USO DO
IRAMUTEQ PARA EXPLORAÇÃO DOS DADOS: AS MEMÓRIAS DO “CARNAVAL
DA COLOMBO” NA CIDADE DE RIO GRANDE - RS**

Bruno dos Santos Bengochea¹

Resumo: O texto a seguir é parte de uma das discussões apresentadas na dissertação de mestrado "Fatos e Coisas de Antanho: Facebook, memória fotográfica, história digital". Defendida no ano de 2022 dentro do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas. Busca apresentar ao leitor uma experiência de pesquisa em fontes produzidas no formato digital. Entre muitas possibilidades que o universo digital possibilitou aos historiadores do tempo presente, estão as publicações do Facebook: a rede social digital com mais usuários do planeta. Nas publicações os usuários têm a possibilidade de se expressar por imagens, vídeos ou textos. Além disso, com a possibilidade atribuição de comentários às publicações tornam-se um grande fórum com ricas informações, inclusive históricas. A partir da busca sobre o tema do "Carnaval da Colombo" na cidade de Rio Grande – RS em um grupo do Facebook, se busca explorar as possibilidades do universo digital o qual todos estamos imersos.

Palavras-chave: História Digital; Rede Social; Memória Fotográfica.

**NEW POSSIBILITIES FOR HISTORIOGRAPHY FROM THE
MULTICOLABORATION PROVIDED BY FACEBOOK AND THE USE OF
IRAMUTEQ FOR DATA EXPLORATION: MEMORIES OF THE “CARNAVAL DA
COLOMBO” IN THE CITY OF RIO GRANDE – RS**

Abstract: The following text is part of one of the discussions presented in the master's dissertation "Fatos e Coisas de Antanho: Facebook, photographic memory, digital history". Defended in 2022, at the Postgraduate Program in History of the Federal University of Pelotas. Seeks to present a research experience in sources produced in the digital format. Among the many possibilities that the digital universe has made possible for historians of the present time are publications on Facebook, the digital social network with the most users on the planet. In publications, users have the possibility of expressing

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). ORCID: 0009-0002-7609-9169. Contato: brunobengo@gmail.com.

themselves through images, videos or texts. Furthermore, with the possibility of being commented on, it can become a great forum with rich information, including historical information. From the search on the theme of "Carnaval da Colombo" in the city of Rio Grande – RS in a Facebook group, we seek to explore the possibilities of the digital universe in which we are all immersed.

Keywords: Digital History; Social Media; Photographic Memory.

O século XXI é impensável sem a presença dos computadores na vida das pessoas. Da confecção dessas palavras em um editor de texto ao leitor de pdf que está sendo utilizado para lê-lo, eles atuam, mediam, facilitam e dificultam processos dos mais diversos setores da sociedade. A sua existência e grande difusão por conta da popularização da internet transformou não apenas os mercados, mas também criou novas experiências culturais através do digital.

Grande parte da população está envolvida pela prática digital. E a História, o que tem a ver com isso? No mínimo, tudo. Ao compor um grupo de ciências que se intitulam "humanidades" é inevitável a aproximação com conceitos de internet e de computação, seja como ferramenta para pesquisa, seja na reflexão sobre seus efeitos culturais na produção, mediação, valorização ou desvalorização dos processos históricos.

Vale lembrar que o uso dos computadores pelos historiadores não é, em si, uma novidade. Entre o final da década de 1960 e a década de 1970 profissionais do campo já aventuravam na capacidade de processamento que as operações binárias proporcionavam. A passagem do historiador francês Emmanuel Le Roy Ladurie, que "o historiador de amanhã será programador, ou não será historiador" data o epicentro dessas experiências, o ano de 1968. É claro que o contexto de Le Roy Ladurie era outro e a operação nos computadores pressupunha, sim, conhecimentos lógicos de programação para que as máquinas se tornassem úteis aos historiadores.

Meio século depois dessas primeiras experiências a condição do historiador com os computadores é totalmente diferente. Primeiro que o desenvolvimento da computação permitiu que leigos (entendendo “leigos” como as pessoas de fora da área da informática) conseguissem operar computadores de forma bastante fácil e intuitiva, sem necessidade de conhecimentos em programação; segundo que ao longo da década de 1990 até o presente houve uma verdadeira revolução proporcionada pela internet. A soma dessas condições opera no tempo presente e sem perceber nos encontramos imersos no universo digital.

Da hora de acordar até a de dormir - e ainda ao longo do dormir - algoritmos trabalham para proporcionar o mundo que vivemos. Dessa leitura, alguma palavra ou citação foi e será pesquisada através de um navegador que utilizará a tecnologia da internet para mostrar resultados de outros espaços na web (sites) que também se apropriaram ou então criaram as palavras ou citações consultadas.

O sociólogo Pierre Levy chamou isso de “cibercultura” no final do século XX. A definição desse conceito ajuda entender todas essas operações mediadas pelos aparelhos que acessam internet². E se na cibercultura os seres humanos estão condicionados à tecnologia da internet, isso também é histórico, é uma experiência humana, é – como versou Marc Bloch – carne humana a ser farejada pelos historiadores.

² Quando o texto de Levy foi escrito a internet era acessada apenas através de computadores e se tinha mais clara a ideia de “entrar na internet”, visto que era necessário ir até o computador, conectá-lo na internet, para então utilizar. O tempo presente fortaleceu ainda mais o conceito de cibercultura visto que estamos o tempo inteiro ligados na internet e ninguém mais entra e sai da internet, ela está sempre presente. Essa presença constante foi potencializada pela presença dos *smartphones*. O marco é o ano de 2007 quando o primeiro iPhone foi lançado e rapidamente popularizado. Entre as novidades estavam a possibilidade de o aparelho acessar a internet e a versatilidade de aplicações que podiam ser instaladas no aparelho de bolso se aproveitando dessa tecnologia para seu funcionamento, popularizando milhares de aplicativos que mediam através da internet diversas experiências humanas.

A grande variedade de conteúdos produzidos no ambiente da internet demanda uma proporcional variedade de metodologias a serem utilizadas tanto para captura das informações quanto para sua organização, ordenação e extração de informações. Na internet as temáticas também são diversas e podemos afirmar que a História possui bastante espaço. Seja em sites específicos sobre temas históricos ou sobre a disciplina do ensino básico, seja no grande volume canais e vídeos de cunho histórico no Youtube, além dos muitos podcasts existentes nas plataformas de streaming de áudio. Ademais, nas redes sociais muitas páginas, grupos e hashtags se propõem à temática do passado. Aparentemente, as pessoas gostam de História, não do Historiador, como advertiu Jacques Le Goff em uma entrevista em 1980 ao falar sobre as formas de entretenimento da época que se utilizavam temáticas históricas e obtinham grandes sucessos.

No entanto é válido entender que mesmo ainda inovadora a possibilidade da História Digital para pesquisa, ela já vem sendo desenvolvida, principalmente no século XXI. O texto do sociólogo Manuel Castells, *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade* (CASTELLS, 2001) foi uma das primeiras obras que trouxe questões sobre o universo digital enquanto um legítimo espaço público. Essa mudança de perspectiva sobre o digital introduziu muitas noções e relações que nos anos seguintes foram praticadas pelos pesquisadores da internet.

Alguns anos mais tarde, a iniciativa inovadora dos historiadores Daniel J. Cohen e Roy Rosenzweig chamada *Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web* ofereceu um livro a partir de um site. A inovação não foi apenas do acesso através de um navegador da web, com hiperlinks para navegação aos capítulos ou o formato de leitura em páginas de internet, mas também nas discussões sobre o fazer História a partir da condição digital, reflexões sobre a coleta de fontes através da web, a preservação das informações contidas no espaço virtual.

Outro texto importante é o de Serge Noiret chamado “História Pública Digital” (NOIRET, 2015) em que o autor cunha o termo “virada digital” ao abordar a condição digital que os profissionais da História estão imersos no tempo presente, seus desafios e possibilidades para fazer e compartilhar as pesquisas da área da História.

No Brasil o historiador Dilton Maynard foi um dos precursores das pesquisas que procuram pensar a cultura digital através da Historiografia. Em entrevista à revista Espacialidades (2018, p. 88), ele vai responder como iniciou o seu investimento em pesquisa do tempo presente, e consequentemente na potencialidade da internet:

Como atuei certo tempo como professor de Sociologia em instituições privadas (antes de ir para a UFS), reflexões sobre os usos da internet passaram a ser cada vez mais frequentes nas minhas aulas. Juntar a História era comum, necessário mesmo, para que aqueles fenômenos fossem estudados. Depois, quando fiz o meu concurso para professor de História Contemporânea da UFS, apresentei o projeto “Intolerância.com: Internet (1996-2008)”, numa abordagem típica do Tempo Presente. Lembro que ouvi de um dos integrantes da banca – numa arguição que ajudou muito a melhorar a proposta inicial – o seguinte comentário: “Professor, isto aí que o senhor propõe é estudar meia dúzia de gatos pingados”. E eu respondi: “No começo dos anos 1920, Adolf Hitler era um dos primeiros integrantes de um então inexpressivo Partido Nazista. Veja no que deu”.

Também é destaque a dissertação de mestrado de Anita Lucchesi (2014). Ela vai trazer ao debate da Historiografia brasileira os movimentos da Digital History e a Storiografia Digitale, respectivamente dos Estados Unidos (EUA) e da Itália. Essas experiências São precursoras quando se pensa na virada digital (NOIRET, 2015). Nomes como Serge Noiret, Dario Ragazzini, Daniel J. Cohen e Roy Rosenzweig São apresentados ao leitor brasileiro e consequentemente as suas discussões sobre responsabilidade, usabilidade, legibilidade na web.

Esse trabalho da historiadora aborda a urgência com as questões relacionadas à História Digital, sobre a ocorrência de mudanças no tipo de material disponível para os historiadores no mundo digital (LUCCHESI, 2014, p.18). Sobre essa urgência, Bruno Laitano (2020, p.173) pontua a

desatualização da formação do historiador com relação às competências informacionais, "razão pela qual nos julgamos culpados pelo próprio sentimento de obsolescência que acomete a disciplina histórica".

A desatualização dos cursos de História com relação às competências digitais é uma realidade ainda distante de ser vencida. Além de demandar estruturas de salas de aula com computadores e acesso à internet para os estudantes, faz-se necessário, também, capacitação do corpo docente atual e contratação de novos professores com a formação adequada para introduzir aos estudantes mecânicas fundamentais de computadores e internet.

É válido lembrar que o estudante de graduação do século XXI, em geral, possui mais habilidade com computadores e internet do que o próprio professor. Essa inversão da lógica da detenção do conhecimento - tradicionalmente o mais antigo tem maior conhecimento do que o mais novo - é uma das marcas da atualidade e também é uma oportunidade para que sejam estimulados mais diálogos do que monólogos durante as aulas. Professores e alunos têm muito a ganhar trocando experiências e técnicas entre a disciplina História e o mundo digital.

Quando ainda era uma proposta, a pesquisa de mestrado - que é base para o presente artigo - em nenhum momento fala sobre História Digital. A proposta inicial era problematizar os discursos presentes nas fotografias de um acervo público da cidade de Rio Grande - RS. O advento da pandemia de Covid 19 inviabilizou o acesso às fontes e colocou não apenas essa, mas todas as pesquisas que buscavam nos acervos a "carne humana" para recalcular rotas, seja de fontes, seja de metodologias. Podemos dizer que a pandemia foi uma espécie de enzima para o crescimento da História Digital, principalmente no Brasil. Que já possuía, há alguns anos, algumas pesquisas de destaque. Mas teve na pandemia um momento de crescimento de pessoas conhecendo e produzindo a partir do que ela pode oferecer.

A História Digital não apenas interferiu na maioria das pesquisas com relação às fontes e metodologia para trabalhá-las como também proporcionou estudos e questionamentos sobre o papel da cultura digital na experiência dos seres humanos. Além disso, a internet tornou-se um grande espaço de compartilhamento de narrativas sobre os fatos históricos. Narrativas contadas por protagonistas e coadjuvantes que ali encontraram um espaço e se sentem confortáveis para compartilhar informações.

A cultura do compartilhamento não é uma prática unicamente da internet, mas foi ela quem potencializou sua força de transformação no mundo como se apresenta. Desde possibilidades fluidas uso de serviços, à construção coletiva de algo, a internet teve um efeito revolucionário nessa cultura, tornando-a um princípio importante para o consumo e criação. Essa revolução carece ainda de uma legislação que consiga agir diante grande volume e diferentes formatos que os compartilhamentos acontecem. A regulamentação é – talvez – a grande ação a ser resolvida para que o compartilhamento tenha bases fortes com relação à segurança e privacidade de quem participa da cultura.

Para a presente pesquisa em si, esse fator foi de grande importância. Em um grupo do Facebook chamado Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande³ muitas histórias e memórias são compartilhadas diariamente. Informações que possuem poucos registros em jornais da época, mas que sempre estiveram nas lembranças das pessoas. Uma delas é o “Carnaval da Colombo”.

Uma das grandezas dessa pesquisa foi possibilitar que uma história sobre o Carnaval da Colombo fosse possível. Esse evento é um - entre muitos outros – que possui bastante presença na memória coletiva dos rio-grandinos. Ele é parte importante da experiência de carnaval na cidade de Rio Grande – RS.

³ O Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande no Facebook é um grupo público que se dedica à ideia de multi colaboração através da publicação de conteúdos sobre experiências na cidade de Rio Grande – RS. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho>. Acesso em 29 jan. 2024.

Mas está condicionado ao desaparecimento e esquecimento pois é um evento que não existe mais e possui poucos registros. Ainda que muito vivo na memória dos adultos e idosos. As crianças e adolescentes do presente não presenciaram o evento.

O grupo Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande é o espaço no Facebook que possui mais discussões sobre a História da cidade de Rio Grande – RS. Ele é o que possui mais usuários e uma maior média diária de compartilhamentos e interações através dos comentários. Acabou se tornando o espaço de maior destaque quando se pensa em construção coletiva de História sobre Rio Grande, com fotografias, documentos, textos e comentários sobre os mais diversos assuntos que tangenciam a cidade.

Entendendo publicações como fontes, procuro nelas as experiências humanas de outros tempos. Para isso, foi necessário apreender o que são elas, em qual contexto elas são possíveis e de que forma o compartilhamento das experiências está condicionado quando mediado por publicações, os limites e as possibilidades. No momento seguinte, extraio os conteúdos textuais dos comentários das publicações, a colaboração em múltiplos níveis, e utilizo o software francês Iramuteq para processar e gerar tendências sobre os subtemas que acompanham o tema maior: o Carnaval de Colombo. Com isso, dois aspectos sobre História Digital são explorados: 1) a transformação da publicação em fonte; 2) o auxílio de software na metodologia de organização e processamento das fontes.

Sobre o primeiro, ao trabalhar como fonte uma publicação, faz-se necessário compreender desde a camada da intenção que fez ela surgir, até os seus desdobramentos, que são os comentários que ela fez produzir. Essa camada participativa é lugar de importantes informações sobre o conteúdo das publicações. A produção do relato está diretamente associada ao formato. Se fosse, por exemplo, uma entrevista, certamente não seriam as

mesmas palavras, construções de memórias, relações com o cotidiano da época, ainda que a subtema estivesse presente.

Sobre o segundo, o auxílio do software no processo metodológico, inicialmente é preciso ter a certeza que a escolha da ferramenta está diretamente relacionada com os resultados que serão obtidos. E que essa escolha é parte fundamental da metodologia, visto que, por exemplo, o pesquisador precisa ter acesso ao software (que pode ser pago, por exemplo, e não se tem condições para pagar a licença. O software também pode ter uma limitação do sistema operacional do computador do pesquisador). E tão importante quanto: o pesquisador precisa saber utilizar o software. Os resultados obtidos estão diretamente relacionados ao uso que foi dado pelo operador. Se o pesquisador utilizar apenas uma parte, ou não compreender o funcionamento do software, a pesquisa também tem seu comprometimento visto que não se sabe ao certo o motivo dos resultados.

Dito isso, um breve entendimento geográfico e histórico sobre a cidade e a prática que será trabalhada: a cidade do Rio Grande dá nome ao estado do Rio Grande do Sul, é a cidade mais antiga, fundada no período que o Brasil era uma colônia de Portugal por José da Silva Paes em 1737. Sua fundação se deu em um contexto estratégico de proteção de território português, em uma área de fronteira sul da América do Sul do então império espanhol. Ao longo dos séculos a cidade se desenvolveu por conta da sua posição geográfica litorânea, de acesso ao oceano atlântico. O porto fluvial foi concebido e através dele toda uma rede de comércio mundial passou ter Rio Grande como destino também.

Ao longo de quase 3 séculos pessoas de diferentes lugares do estado, do Brasil e do mundo, fizeram de Rio Grande o seu local de vivência e contribuíram com os costumes e culturas. A cidade acompanhou a revolução industrial do século XIX e meados do XX e tornou-se o local da primeira indústria têxtil do estado. Esse período acompanhou um crescimento urbano

que desencadeou a criação de um bairro chamado Cidade Nova, o primeiro bairro operário da cidade. Nesse bairro uma das principais ruas se chama Cristóvão Colombo e nela aconteceu um carnaval de rua ao longo de décadas do século XX conhecida no presente como Carnaval da Colombo.

A prática do carnaval do Brasil é bastante conhecida e massivamente associada à cidade do Rio de Janeiro, que possui no desfile das escolas de samba a maior festa popular do mundo. No entanto a maioria das cidades brasileiras possuem carnaval, principalmente as que têm na sua história migrações de diferentes lugares como Rio Grande. Outro ponto é que o Carnaval da Colombo foi parte de um circuito maior de desfile carnavalesco. Circuito este que abrangia ruas mais centrais da cidade e tinha na passagem pela Cristóvão Colombo a parte mais periférica, e consequentemente, mais distante de uma elite econômica da cidade. Um carnaval mais simples e popular, da classe trabalhadora, aquela não registrada nos documentos oficiais como os jornais. Daí a riqueza e necessidade de garimpar registros dessas experiências: colocar os trabalhadores como sujeitos históricos que nunca deixaram de ser.

Tornar uma publicação no Facebook fonte pressupõe pensar o que ela permite ou limita existir. Ela está condicionada às regras éticas e de privacidade do Facebook, além de seguir um formato padronizado pelo site. O Facebook disponibiliza um espaço para que os usuários compartilhem conteúdo, seja ele texto, fotos, vídeos, links, entre outros. Para publicar, basta clicar no botão correspondente. O clique registra o conteúdo no site, tornando-o visível aos demais usuários que seguem o autor da publicação. Nos grupos do Facebook, a publicação é exibida para todos os usuários que marcaram para receber atualização do grupo.

Essa condição de lugar para se expressar em um espaço digital difere da praça pública, por exemplo. A ausência do corpo físico torna essa diferença evidente. A distância entre o emissor e o receptor da mensagem

cria um novo modelo de comunicação. O emissor da praça pública tem a certeza de que pode ser aplaudido ou criticado se o conteúdo não agradar. As publicações nas redes sociais digitais seguem essa mesma lógica. É preciso considerar esse contexto ao analisar qualquer publicação.

O formato digital para o aplauso e linchamento chama-se, respectivamente, curtida e cancelamento. Os dois extremos da adjetivação em uma rede social costumam ser alcançados de forma bastante frequente. Nas redes sociais, as reações ganham um dimensionamento imediato e volumoso, jamais experimentado pelos seres humanos. Isso pode ser um perigo para a pesquisa, pois nem sempre o conteúdo mais curtido e compartilhado é verídico ou relevante para estudos. Os conteúdos cancelados também costumam apresentar o efeito manada, onde muitos usuários que estão cancelando não sabem o motivo e, muitas vezes, desconsideram totalmente uma informação.

Com isso, fomos às publicações do Facebook, especificamente do grupo "Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande", com o objetivo de buscar informações sobre o "Carnaval da Colombo". O grupo "Fatos e Coisas de Antanho" foi fundado em 2014 pelo usuário Ronaldo Morgado, que é o atual administrador. Em entrevista em 2020, Ronaldo contou que o objetivo era reunir historiadores e pessoas que tinham algum conhecimento sobre histórias ou lendas urbanas de Rio Grande e criar um espaço onde se pudesse consumir curiosidades históricas sobre a cidade. Sentia-se a necessidade de um espaço assim. Em janeiro de 2024, o grupo possuía mais de 48 mil usuários, sendo o mais atuante no que diz respeito ao compartilhamento coletivo de informações e histórias sobre a cidade de Rio Grande na internet.

Por ser um local público no Facebook e permitir que qualquer usuário compartilhe informações, por vezes ocorre de serem postados conteúdos que não são sobre a cidade de Rio Grande, como propagandas. O administrador informou que realiza um trabalho diário e quase ininterrupto, acompanhando

sempre as postagens para que não percam o sentido inicial. É importante pontuar que existem regras no grupo, as quais estão em uma publicação em destaque. As informações buscam orientar os usuários a não postarem conteúdos que se distanciem do foco principal, que é a cidade de Rio Grande. No entanto, ao longo da análise, foram verificadas postagens que questionavam, por exemplo, a valorização de personagens e práticas das pessoas negras na cidade. E mesmo se enquadrando nas regras, percebeu-se que essas postagens simplesmente sumiram.

Quanto a essas situações, quando elas acontecem, é comum a publicação de uma resposta dada pela administração, em formato de texto ou vídeo, publicadas e marcadas como destaque no grupo. É feita uma justificativa da exclusão das postagens ou comentários específicos, quase sempre argumentando sobre o potencial em gerar polêmica e promover debates políticos, este último proibido pelas regras. Sob quais parâmetros uma publicação (uma fonte) do grupo é produzida? Existe uma prática problemática nessas situações que excluem a diversidade de narrativas sobre a cidade. Logo, concluímos que o que chega até a pesquisa são as publicações que conseguiram passar pelo filtro da administração, assim como fontes de jornais, por exemplo, que passam pela editoração. Apesar de um ambiente de multi colaboração, uma premissa de construção coletiva, há, sim, um filtro sobre o que avança ou não.

Além dos parâmetros de como a publicação consegue ser produzida, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, foram pensados os diferentes formatos de informações que uma publicação carrega consigo. Desde a imagem ou vídeo utilizado, além da forma como foi apresentado através do texto escrito, foi notado que a publicação de uma boa imagem, sem muitas informações, muitas vezes acaba gerando poucos comentários. Uma publicação, às vezes apenas com um texto breve, que traga um comentário ou pergunta que instigue as pessoas, tende a gerar um grande debate. Diante

disso, este trabalho priorizou a análise textual, dando menor ênfase à análise de imagens. As memórias fotográficas suscitadas pelas publicações também foram consideradas.

A propósito, é importante comentar também que o conteúdo imagético jamais deve ser descartado. Ele é fonte de muitas informações, tanto sobre o período que é retratado quanto sobre a ação de reproduzir (na maioria das vezes, digitalizar) a fotografia ou o vídeo original para compartilhar no grupo. Ainda que o período antigo seja a finalidade da digitalização, a ação do presente nos informa sobre as condições em que a publicação acontece.

É preciso pontuar que publicar no grupo pressupõe um usuário com acesso à internet, conhecimento sobre o funcionamento dela, da rede social e do grupo. Além disso, informa também sobre o acesso a câmeras digitais, smartphones ou scanners⁴. Fala bastante sobre a inserção tecnológica, o letramento digital e o acesso a bens de consumo no século XIX.

Um ponto importante para esse tipo de fonte é que o conteúdo imagético é produzido, muitas vezes, de forma amadora pelo amplo acesso aos aparelhos de imagem. Com isso, é bastante comum encontrar, por vezes, imagens reproduzidas sem um enquadramento que acompanhe a original ou com a imagem original apresentando alguma intervenção, como dobras, rasgos, desenhos, recortes ou adesivos, por exemplo. Ou ainda, com algum efeito do momento da reprodução, como o reflexo do flash que possa ter sido utilizado, como na imagem abaixo.

⁴ Certamente, com o barateamento dos smartphones, embutidos com câmeras que possuem uma qualidade mínima para digitalizar uma fotografia analógica ou um documento impresso, os aparelhos de scanners estão quase obsoletos. No entanto, é necessário colocá-los como participantes desse processo, pois antes das pessoas terem acesso tão fácil às câmeras dos smartphones, um grande movimento de digitalização de fotografias analógicas ocorreu e permitiu, inclusive, o nascimento da prática de compartilhamento de histórias na internet.



Figura 01: Reprodução de uma imagem analógica sobre o Carnaval da Colombo (volta da década de 1950⁵).

Esse não compromisso estético, ou a falta da condição profissionalizante, que permite e estimula o compartilhamento sem algumas amarras colocadas aos profissionais, apresenta duas questões: 1) Uma certa liberdade de conteúdos e informações, que muitas vezes adiciona pautas que nunca seriam trabalhadas se não fosse alguém de fora de uma bolha acadêmica ou profissional; 2) Ao mesmo tempo, questões éticas fundamentais correm um grande risco de serem violadas, como o direito à privacidade, que se torna frágil diante da internet. Adiciono, também, o volume de informações falsas e a forte capacidade de produção e disseminação delas quando cuidados básicos, mas pouco estimulados aos usuários, por quem promove a internet, são ignorados, como a verificação da veracidade antes de compartilhar a informação.

Por conta da falta de tempo hábil para se dedicar à pesquisa, ao aprendizado e à utilização de uma automação, a captura das publicações

5 Disponível em:
<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2346394795591602>.
 Acesso em 27 jan. 2024.

foi realizada de forma manual. Abaixo, elencam-se os passos de forma algorítmica, seguidos na página do grupo do Facebook, com a intenção de que, mais adiante, possa ser implementada uma automação que agilize a operação:

1. Acessei a área de pesquisa do grupo;
2. Digitei "Colombo";
3. Cliquei em "Pesquisar".

Já com os resultados obtidos com a primeira busca, utilizei o comando de "localizar" no navegador e digitei "Carnaval". Com isso, para todos os resultados marcados:

1. Abri a postagem em uma nova aba do navegador;
2. Copiei a imagem para um diretório do meu computador;
3. Copiei a descrição e todos os comentários para um arquivo de texto no meu computador.

A pesquisa foi realizada no dia 15 de janeiro de 2021⁶. Foram localizadas 61 ocorrências em 27 postagens e 404 comentários. A imagem abaixo ajuda a visualizar como a pesquisa descrita foi feita no ambiente do grupo no Facebook:

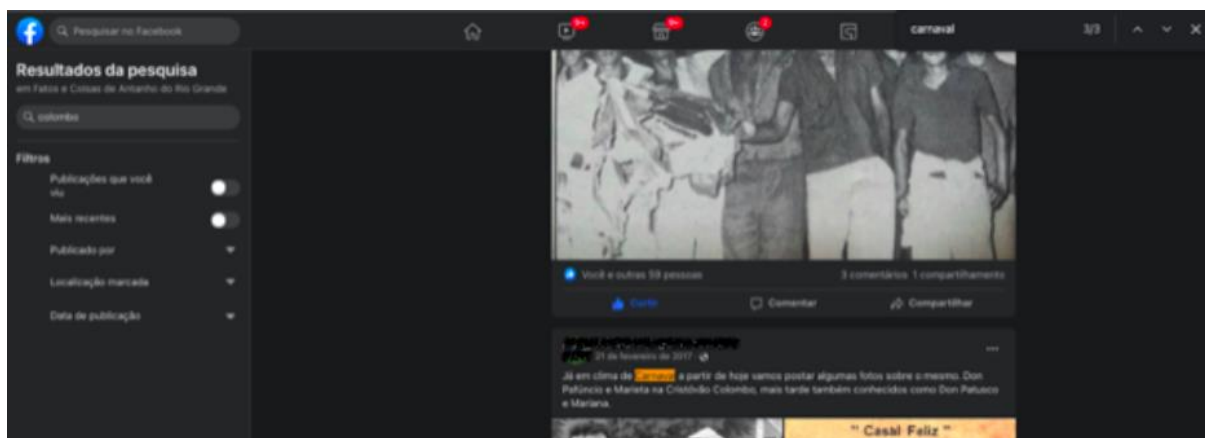


Figura 02: Demonstração da pesquisa na página do Facebook

⁶ Os resultados dessa análise São um retrato do conhecimento sobre o tema na data. Como o grupo se mantém ativo e com postagens diárias, é comum que algum tópico mais recente sobre o tema no Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande não apareça nos resultados aqui apresentados.

Com o conteúdo dos comentários armazenados, foi o momento de utilizar o Iramuteq, o software que vai proporcionar uma análise dos conteúdos textuais capturados através do processamento das palavras e frases presentes. Idealizado em 2008 no LERASS (Laboratório de Estudos e Pesquisas Aplicadas em Ciências Sociais) da Universidade de Toulouse, ele se propõe a análises multidimensionais de textos e é disponibilizado no seu site oficial para o download e utilização. A versão utilizada (0.7 alpha 2) possui tradução para o português e além de diversos tutoriais na internet que auxiliam e ensinam sobre as análises possíveis.

O Iramuteq foi desenvolvido utilizando a linguagem de programação Python, fazendo integrações com a linguagem de programação R, especificamente a parte estatística, se utilizando do potencial de alguns algoritmos que ela oferece. Além disso, o software utiliza o conceito de software livre, que é um grande incentivo ao seu uso visto que a maioria dos softwares para análise textual são pagos. Por último, mas não menos importante, o Iramuteq consegue ser executado nos principais sistemas operacionais dos computadores pessoais (Windows, Linux e MacOS), algo que delimita o uso outros softwares do mesmo nicho.

Entre a instalação do software e os resultados se fez necessária a configuração. Abaixo compartilho a configuração utilizada com a finalidade de indicar ao leitor a forma como foi planejada a disposição dos dados para o software. A versão utilizada do Iramuteq possui entradas por tabelas ou arquivos de texto. Para essa análise utilizamos a entrada de texto visto que a captura dos dados foram comentários da rede social. Muitas vezes a possibilidade dos dados de entrada que o software oferece orchestra quais dados precisam ser produzidos. A título de exemplo, caso se optasse uma análise das imagens, seria necessário textualiza-las. Ou seja, descrevê-las com o máximo de informações possíveis para que se tenha um arquivo de texto que possa ser processado pelo Iramuteq.

O Iramuteq chama de corpus textual. Ele permite 1 ou mais corpus textual como entrada. Para esse caso utilizei apenas 1 corpus textual que foi o conjunto de todos os comentários capturados sobre o Carnaval da Colombo. Após o primeiro passo de definir o tipo da entrada e como ela será, foi o momento de fazer o tratamento pré inclusão na entrada do software. O manual do Iramuteq indica que algumas tratativas sejam realizadas:

- revisão para que erros de digitação não sejam tratados como palavras diferentes;
- revisão da pontuação e retirada de parágrafos;
- revisão de uniformidade de siglas;
- revisão de verbos que utilizem pronomes. O manual do Iramuteq recomenda que eles devem estar na forma de próclise, pois o dicionário não prevê as flexões verbo-pronominais: exemplo: no lugar de “tornei-me”, a escrita deve ser: “me tornei”;
- revisão de números, mantendo sua forma em algarismo;
- revisão de caracteres não autorizados no corpo do texto: aspas ("), apóstrofo ('), cifrão (\$), hífen (-), percentagem (%) e asterisco (*);

Essa etapa de harmonização pode ser considerada como das mais importantes, visto que são os dados brutos utilizados para gerar os resultados. Qualquer informação errada ou mal organizada nos dados brutos pode levar a interpretações equivocadas dos resultados. É fundamental o conhecimento dos dados e da plataforma que produziu os dados. Um bom exemplo nessa pesquisa é a palavra “Caramuru”, que neste contexto, refere-se a uma rua do bairro Cidade Nova chamada Caramuru, que fez parte do trajeto carnavalesco estudado, e não o personagem português que veio para o Brasil no início do século XVII. No caso das redes sociais um cuidado a mais é a retirada dos emojis, bastante utilizados dentro desses ambientes.

Outra pequena configuração que o Iramuteq exige é a marcação do início do parágrafo. Ela é feita com uma linha acima do parágrafo com 4

asteriscos (****). Essa linha pode ficar apenas com os asteriscos ou ao lado o usuário identificar categorias pré definidas, sinalizadas ao lado com um asterisco simples (*nome_da_categoria). Para nosso objetivo isso não foi necessário visto que o objetivo era capturar relações e tendências que o grupo de comentários nos apresentava. Deixamos com a configuração padrão, apenas com os asteriscos iniciais.

Com o software instalado e configurado, foi o momento de utilizá-lo com os dados capturados e gerar visualizações integradas entre eles. As visualizações são fruto de métodos linguísticos como Método de Reinert e também a análise de similitude entre as palavras nas frases, proporcionando a visualização de relacionamentos entre os temas no conjunto de comentários além da descoberta de assuntos relacionados ao tema principal.

Antes delas, ao executar o processamento uma primeira análise é feita, chamada de análise estatística, de modo que é possível ter uma visualização mais organizada sobre o grupo de palavras que será trabalhada. Essa etapa é muito boa também para uma última análise do corpo textual, pois fica mais fácil verificar possíveis palavras repetidas que estão com grafia diferente por conta de erro de digitação, por exemplo, e podem interferir no resultado final das análises. Inclusive o uso vai moldando a eficiência prática, foi notado que é melhor fazer a higienização apenas depois da análise estatística pois o formato tabular fica mais fácil de identificar erros do que em uma leitura flutuante.

A próxima análise feita é o Método de Reinert, também conhecido como Classificação Hierárquica Descendente (CHD). Essa análise é tida como a principal do Iramuteq pois ele é o único software gratuito que possui esse tipo de análise até a escrita deste texto. O método consiste em classificar os segmentos de texto a partir dos seus vocábulos, atribuindo um peso para cada um deles com relação ao segmento de texto. Com isso se tem uma relação de proximidade dos vocábulos (palavras) com os segmentos de texto

(determinados grupos de palavras), criando conjunto de palavras que possuem mais relações entre os segmentos⁷.

Disso foi obtido um primeiro resultado, o dendrograma com as palavras classificadas. Essa organização já aponta para alguns subtemas dentro do grande tema do Carnaval da Colombo. Além da organização das classes em cores, existe a árvore de relacionamento delas. É possível observar que existe um volume de palavras relacionadas entre da classe 6 (em rosa) que está em uma divisão única, separada das demais, que são filhas do mesmo nó mais acima. Isso indica um certo destaque para a classe 6 dentro dos dados de entrada, indica um assunto mais definido. Trabalhando o nó da direita, visualizamos que a classe 5 (em azul) também se destaca das demais à direita mesmo que com a mesma raiz.

⁷ A fundamentação teórica do algoritmo de Reinert é inspirada nas propostas de Benzécri (1992), para análise léxica. Ela consiste em analisar leis de distribuição de vocábulos em um corpus textual qualquer. Não se trata de uma análise sintática, mas sim uma verificação dos termos presentes nos textos, da forma como eles se organizam e os elementos constitutivos deles. Isso é o que Reinert (1990) chama de análise dos “mundos lexicais” (CERVI, 2018, s/p).

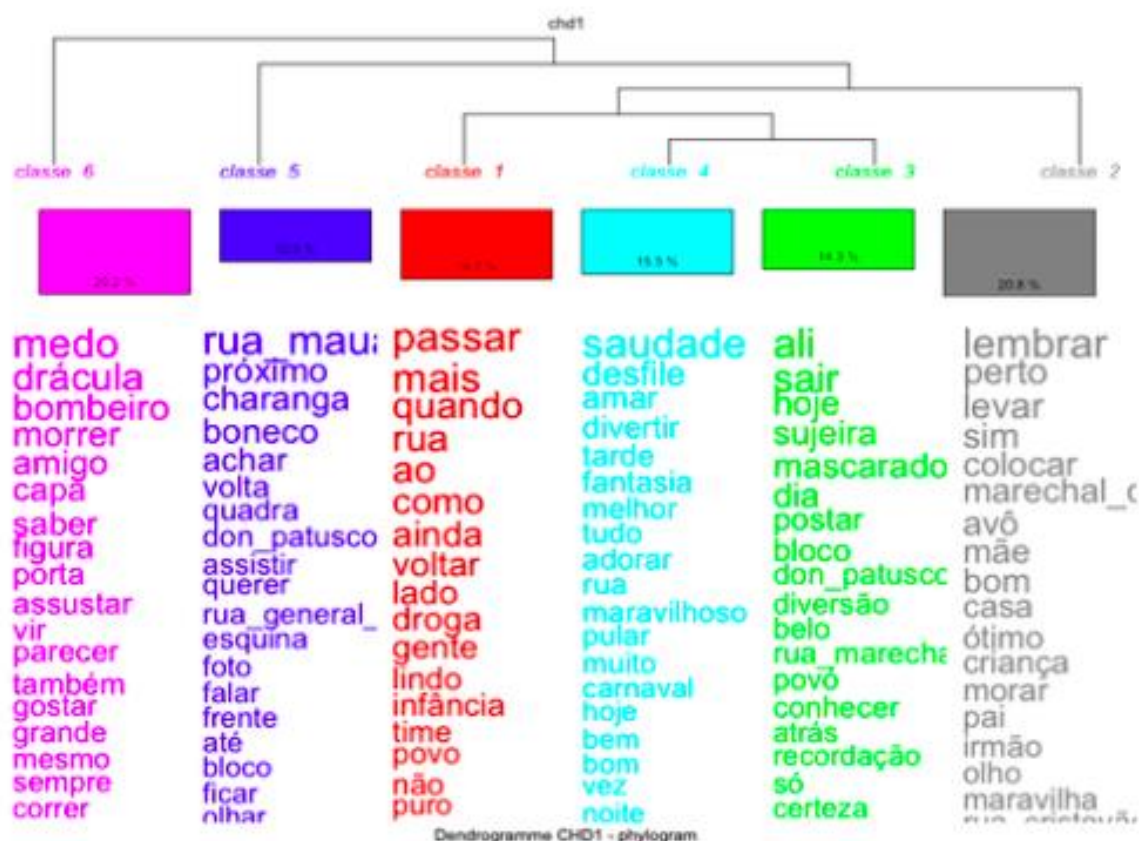


Figura 03: Dendrograma gerado a partir da Classificação Hierárquica Descendente (CHD)

Na classe 6 temos um conjunto que agrupa as palavras medo, o susto, drácula, capa, bombeiro. Investigando sobre essas passagens nos comentários verificamos que o software fez uma relação bastante fiel sobre um fato bastante conhecido: existiu no Carnaval da Colombo um personagem muito lembrado: o drácula. Muitos depoimentos de usuários que eram crianças na época rememoraram o medo que sentiam desse personagem, a forma como ele performava no carnaval assustando as crianças. A pessoa que de vida ao personagem foi um homem que sua profissão era bombeiro na cidade.

Já na classe 5, que relacionou a rua mauá, boneco, quadra, dom patusco, bloco e outras, traz consigo uma informação bastante presente nos comentários: os blocos e especificamente o bloco “dom patusco e mariana”. Na busca se entendeu que o bloco nasceu de pessoas que moravam na rua Visconde de Mauá e de lá partia para fazer o seu desfile. Tinha como

mascotes um casal chamado Dom Patusco e Mariana. bloco não existe mais, mas foi rememorado nas publicações que versam sobre o Carnaval da Colombo.

A crescente mercantilização do carnaval, que faz com que a participação esteja condiciona à aquisição de camisetas dos blocos, por exemplo, têm dado um sentido diferente da prática. O dinheiro aluga trios elétricos que aos poucos vão substituindo a execução dos cantos carnavalescos para tornar o desfile uma verdadeira discoteca. A músicas também não tem relação com a prática. Buscar as antigas manifestações populares, como os blocos, é uma maneira de não esquecer como o carnaval já foi visto que o movimento atual tende apagar as formas mais antigas de aproveitar a festa.



Figura 04: Mascotes do bloco Dom Patusco e Mariana⁸

Outra visualização muito interessante é a da Análise de Similitude. Ela faz uma amostra dos dados que permite observá-los em um formato que

⁸ Imagem compartilhada do grupo Fatos e Coisas de Antanho. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=4467457596658242&set=gm.2829980533899690>>. Acesso em 4 de set. de 2024.

remete a um sistema circulatório, em que as palavras mais centrais dentro do corpo textual aparecem maiores como se fosse um coração bombeando sangue para as zonas mais periféricas, representado pelas palavras utilizadas de forma mais isoladas nas construções.

A mecânica de formação dessa visualização é uma combinação da frequência das palavras e da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) colocados em um plano cartesiano. De modo que a distribuição das palavras pelos quadrantes respeite a sua similaridade de distância com as outras dentro do conjunto do texto (o corpus textual).

Essa visualização permite indicar os grandes temas das publicações que versavam sobre o Carnaval da Colombo. Seriam eles: "Carnaval", "muito bom", "rua Cristóvão Colombo" e "lembrar". A partir dessas palavras, algumas especificidades sobre o grupo do texto analisado. Resultados bastante esperados quando é sabido que os dados utilizados foram capturados de espaço de rememoração histórica e ocorreu um filtro para apenas dados sobre o Carnaval da Colombo.

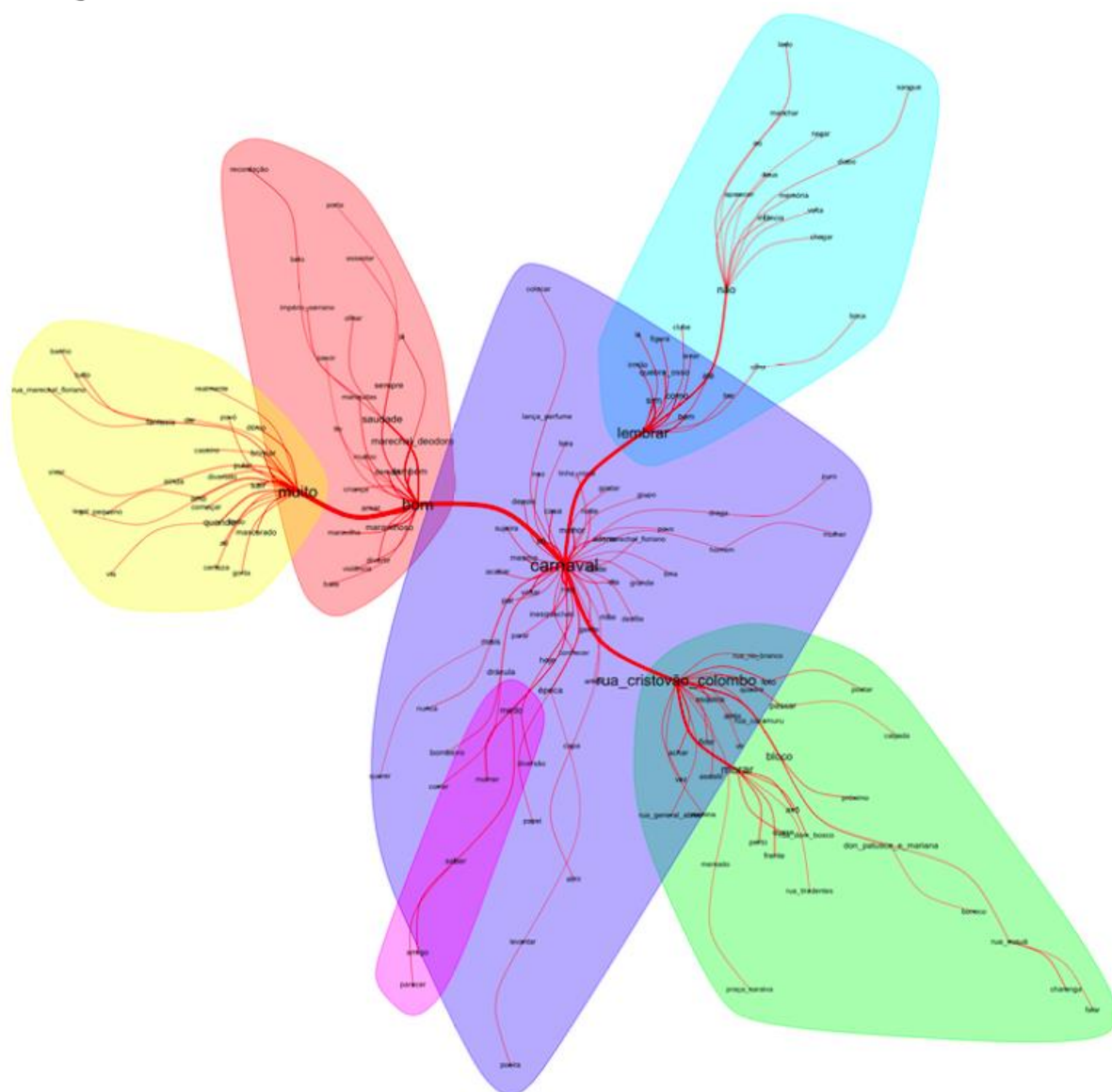


Figura 05: Gráfico de Análise de Similitude

A partir dos resultados obtidos já é possível avaliar alguns pontos:

- 1) Há muito o que a História se apropriar sobre as ferramentas computacionais: a variedade de produção humana no universo digital vai fazer com que muitas outras pesquisas ainda sejam desenvolvidas e trabalhos que se utilizem de softwares tendem a se proliferar;
- 2) O Iramuteq é apenas um exemplo: como versado anteriormente a opção teve seus motivos com relação ao que pode entregar na análise textual e o acesso nos sistemas operacionais. No entanto, reforço que o

mesmo conteúdo analisado por outro software ou algoritmo vai proporcionar outros resultados e novas perspectivas que o Iramuteq utilizado não entregou;

3) O corpo textual utilizado, como visto, possui seus bônus de construção coletiva, espaço mais livre para contribuição, mas também o ônus de ter uma plataforma (Facebook), um processo de editoração (administração do grupo) por trás do conteúdo que é capturado para análise;

Ainda assim, os resultados são muito válidos pois além das descobertas proporcionadas pela rápida organização dos termos e suas respectivas ligações, há a descoberta da frequência de alguns termos que podem indicar novas pesquisas (inclusive dentro do mesmo software) para procurar sua rede de ligações.

Desse pequeno exemplo foi descoberto personagens comuns da cidade como o bombeiro que se vestia de drácula para animar e ficar na memória coletiva do grupo que compartilhou informações. Também mostrou os blocos, e especificamente o “dom patusco e mariana”, que poderiam ser tema de uma próxima pesquisa sobre o carnaval na cidade de Rio Grande.

Esse breve texto buscou ser mais um tijolo na construção de uma História Digital no Brasil. Se utilizando da condição de imersos em um ambiente digital que a sociedade se apresenta e pensando os seus efeitos para os humanos do presente, a História pode e deve se apropriar dela e aproveitar o máximo que ela tem a oferecer para o desenvolvimento de novas Histórias, novos personagens e novas narrativas sobre o passado. A partir da transformação da publicação em fonte e o auxílio de software para o processamento e visualização dos dados, foi explorado uma pequena parte de um grande universo possível ao relacionar a História com computadores e internet.

Existem muitas possibilidades a serem exploradas e melhor desenvolvidas pelos historiadores junto às tecnologias computacionais e de internet. Esse texto refletiu apenas alguns conceitos, utilizou breves metodologias e fez uma pequena exploração em uma temática que se

mostrou bastante próspera para pesquisas que se utilizem de fontes digitais. Como uma pesquisa nunca acaba, é de grande importância popularizá-la para que outras iniciativas a partir dessa pesquisa possam acontecer, novos dados possam ser adicionados e novas e diferentes interpretações sobre esse processo histórico existam, valorizando ainda mais as pessoas comuns que protagonizaram tanto o fato quanto a construção de fontes sobre o mesmo.

Referências

BENGOCHEA, B.S. *Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande: Facebook, Memória fotográfica e História Digital*. Pelotas, 2022. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós - Graduação em História, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

BLOCH, Marc. *Apologia de História ou o Ofício do Historiador*. São Paulo: Zahar Editor Ltda, 1997.

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Tradução: Maria Luiza X. De A. Borges. Editora Zahar: Rio de Janeiro: 2001.

ESPACIALIDADES, E. E. R. Entrevista: Dilton Cândido Santos Maynard: *Revista Espacialidades*, v. 14, n. 1, p. 88–95, 2 set. 2018.

LAITANO, Bruno Grigoletti. (Con)figurações do historiador em um tempo marcado pela disrupção tecnológica. *Esboços*, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 170-186, maio/ago. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2020.e67217>>.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1997

LUCCHESI, A. *Digital history e Storiografia digitale: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011)*. Mestrado—Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

MAYNARD, D.C.S. Farejar carne humana em meio a bytes: a internet, a História do Tempo Presente. In: NICODEMO, Thiago Lima; ROTA, Alesson Ramon; MARINO, Ian Kisil. *Caminhos da história digital no Brasil (Portuguese Edition)* (p. 99-118). Edição do Kindle.

NOIRET, S. História Pública Digital | Digital Public History. *Liinc em Revista*, v. 11, n. 1, 28 maio 2015.

PASTOR, Bruno Leal Pastor de Carvalho; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. *História pública e divulgação de história*. Letra e Voz, São Paulo: 2019.

PEDROSO, T. D. *Cidade Nova: Narrativas do cotidiano no subúrbio operário de Rio Grande - 1950*. Pelotas, 2012. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.